



Juan Manuel de Barandica
Embaixador de Espanha
em Portugal

“A integração na UE transformou radicalmente as nossas relações”

“A integração na UE transformou radicalmente as nossas relações bilaterais”, sublinha o novo embaixador de Espanha em Portugal, falando do percurso “espetacular” das duas economias ibéricas nos últimos 30 anos.

Juan Manuel de Barandica, considera, por outro lado, ser fundamental continuar a cimentar as relações económicas e institucionais entre os dois países, desdramatizando alguns receios recentes. “As empresas de capital espanhol têm o objetivo de ficar neste país, consolidar-se no mercado e reforçar a estrutura produtiva de Portugal”, frisa, lembrando que este investimento ultrapassa já os 90 mil milhões de euros e que permitiu a criação de mais de 77 mil postos de trabalho diretos.

Textos **Clementina Fonseca** cfonseca@ccile.org Fotos **Sandra Marina Guerreiro** sguerreiro@ccile.org

Como caracterizaria a atual fase das relações luso-espanholas?

Embora pareça voluntarismo ou um excesso de otimismo, acho que estamos num ótimo momento das relações entre os dois países ibéricos.

Inicialmente, devemos lembrar e destacar o nosso papel no mundo ao longo da história. Espanha e Portugal pertencem ao grupo dos 12 países que construiu o mundo como o conhecemos hoje e, sem eles, a história seria outra, diferente. E fizemo-lo por caminhos paralelos. Ambos os países, conseguimos um lugar protagonista

na história do mundo e ambos temos e falamos duas línguas ricas, amplas e de uso crescente, que, além de terem uma enorme dimensão cultural têm também um grande impacto económico. Muitos países, com grandes prestações económicas gostariam de contar com uma língua universal, diversificada geograficamente, fácil na sua aprendizagem, com um acervo tão rico, de todos os pontos de vista, como as nossas duas línguas.

E o caminho percorrido por Espanha e Portugal, nos últimos 30 anos, desde o dia em que ambos entramos na CEE, hoje UE, é espetacular, de todos os pontos de vista (político, das

infraestruturas, legislativo, educação, saúde, direitos sociais, etc.). Mas é formidável também, sobretudo, a nível da abertura das nossas respetivas economias, da melhoria da competitividade dos nossos produtos, da ruína dos protecionismos, da circulação de pessoas, dos bens e produtos e dos capitais.

A integração na UE transformou radicalmente as nossas relações bilaterais, em todos os âmbitos e, muito especialmente, nos assuntos económicos e comerciais. Antes de 1986, as exportações portuguesas para Espanha não superavam 5% do total das exportações de Portugal, enquanto



agora superam a soma das exportações de Portugal para França e Alemanha juntas (segundo e terceiro destino respetivamente das exportações portuguesas).

Portugal e Espanha trouxeram também um ar fresco à velha Europa, robusteceram a dimensão ultramarina do continente, aproximaram os países jovens da América e de África e a privilegiada relação de ambos os países ibéricos com a América Latina, e de Portugal com os países da CPLP e, inclusivamente, com o Extremo-Oriente.

Mas, ultimamente, apareceram problemas sérios na construção europeia e na coesão dos países, com ressurgimentos sérios de nacionalismos intransigentes...

De facto – e seria absurdo negá-lo –, não é a primeira vez que a Europa se aproxima de novo dos abismos da desunião e da rutura. A Europa passou por uma das maiores crises de sem-

“Os bancos de origem espanhola são privados e estão presentes não só em Portugal, como em muitos países do mundo (...) perfeitamente integrados nos países onde se estabelecem”

pre, a nível económico e financeiro, que, sem ter origem no seu território, acabou por afetar muitas economias da UE, e entre elas, a de Portugal e a de Espanha. E têm sido anos de austeridade, de cortes, de destruição de emprego, de contestação social... Mas, hoje, penso que tanto Portugal como Espanha podem dizer que, em-

bora com dificuldades, estamos a deixar a crise para trás e, pouco a pouco, estamos a consolidar taxas de crescimento, com esperança no futuro.

Voltando às relações económicas luso-espanholas, considera que estão equilibradas? Por que é que, na sua opinião, tem havido algum receio quanto ao aumento da presença de bancos espanhóis no nosso país?

A resposta aos dois assuntos não é simples e, devido à assimetria entre ambas as economias, o melhor é que os dados objetivos falem por si. Por exemplo, os últimos números do intercâmbio comercial luso-espanhol de 2015 mostram que as vendas portuguesas para Espanha atingiram os 10.697 milhões de euros (um crescimento de 7,8%) e as compras portuguesas a Espanha representam 17.915 milhões de euros (com uma descida de quase 1%). Isto significa que houve uma redução do défice comercial de 800 milhões de euros.



Portugal é o quinto cliente de Espanha e o oitavo fornecedor. O comércio bilateral continua a aumentar e, em 2015, atingiu os 28.600 milhões de euros.

Ou seja, é preciso dizer, que esta diferença a favor de Espanha, este excedente que, embora lentamente, se vai reduzindo, tem que ser comparado com o PIB de cada um dos nossos países e, desta comparação, sai muito favorecida a exportação portuguesa para Espanha. Portanto, se houver algum desequilíbrio na balança bilateral, este seria em termos relativos favorável a Portugal. E, além disso, deve-se ter em conta que percentualmente o número de empresas exportadoras em Portugal é menor que a percentagem de empresas espanholas que exportam.

Em relação aos bancos espanhóis, é preciso dizer que estes não são um conjunto de entidades que responda a uma estratégia concertada, ou que sejam bancos com participação do

Estado espanhol. Tratam--se de bancos privados, de origem espanhola, mas que têm uma importante presença no seu capital de centenas ou milhares de investidores internacionais, incluindo acionistas portugueses. Estes bancos estão presentes não só em Portugal, como em muitos países do mundo – na Europa e fora dela –, e concorrem em mercados abertos, obedecendo às normas internacionais e perfeitamente integrados nos países onde se estabelecem. E além disso, são concorrentes entre si, têm estratégias próprias e a sua decisão de entrar em Portugal ocorreu em diferentes momentos, ao longo de muitos anos, por métodos diferentes e em função das suas próprias prioridades.

Em resumo, estamos perante um falso debate, porque não se pode falar estritamente de bancos espanhóis, porque já são bancos que concorrem no mercado livre, com as entidades de supervisão bancária portuguesas, ou europeias, competentes.

Acha, portanto, que o investimento estrangeiro, seja de que origem for, é desejável e vai continuar em Portugal?

É preciso frisar que os bancos espanhóis em Portugal dão emprego estável a mais de 13 mil pessoas. Chegaram para ficar, para dar serviços às empresas e aos particulares, para apoiar a economia portuguesa, obter rentabilidade e pagar impostos em Portugal. Não faz sentido pressupor que estas entidades passem a dar um tratamento preferencial para os clientes ou empresas espanholas. Os bancos, indiferentes à sua origem, trabalham com critérios de rentabilidade e solvência.

Devo referir, em relação a isto, que há autoridades portuguesas que têm manifestado a mesma opinião que lhe estou a transmitir, a começar pelo Presidente da República. Marcelo Rebelo de Sousa afirmou, na sua recente visita a Espanha, que “é importante uma presença significativa espanhola em Portugal, o



que é diferente de haver um exclusivo”. Também o primeiro ministro, António Costa, numa entrevista ao “Diário de Notícias”, disse: “Portugal, que eu saiba, é uma economia de mercado aberta e, portanto, não está sujeita à autorização do Governo sobre quem pode ou não investir... O Governo está aberto ao investimento estrangeiro, quer reforçar o investimento direto estrangeiro” seja de que origem for. Também o ministro das Finanças, Mário Centeno, no almoço da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Espanhola, quando disse: “apreciamos o papel ativo que a banca espanhola desempenha em Portugal”. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, na sua entrevista à “Visão”, disse que “no chapéu da promoção de investimento direto em Portugal, o que tenho a dizer é que todo o capital é bem-vindo – angolano, marroquino,

argelino, espanhol, norte-americano. Todo o capital que queira investir em Portugal, criar emprego, ter lucros e ser remunerado em Portugal, tem que localizar-se em Portugal e respeitar as leis portuguesas. As relações económicas com Espanha são as próprias de duas economias de mercado. Não nos metemos nas decisões dos bancos C ou D, ou da empresa A ou B”. Sem esquecer o ministro da Economia, Manuel Caldeira Cabral, num recente ato público, que sublinhou o empenho português em “atrair, facilitar e garantir investimentos estrangeiros em Portugal”.

Que outras questões, além dos bancos, o preocupam neste momento?

Não me preocupa o assunto dos bancos. Penso que os gestores portugueses e espanhóis que lideram estes bancos estão a fazer um grande trabalho e animo-os a que assim

continuem, pois concorrem entre eles e com outros bancos em todas as partes do mundo.

Quanto aos restantes setores da economia, recomendo vivamente a leitura do Relatório da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Espanhola, de março deste ano, intitulado “Participação estrangeira no capital das empresas portuguesas”, elaborado pela Dun&Bradstreet, para ver a importância do capital espanhol e de outros países, especialmente na ajuda ao setor externo português. Espanha lidera, de forma destacada, a criação de emprego e os universos de capital estrangeiro, exceto no setor dos seguros. O esforço do investimento espanhol foi de 90.300 milhões de euros – dois terços no setor bancário (equivalente a 50% do PIB anual

português) –, criando cerca de 100 mil empregos diretos, dos quais mais de 10 mil no setor bancário, e outros tantos no setor dos seguros. As empresas de capital espanhol têm o objetivo de ficar neste país, consolidar-se no mercado e reforçar a estrutura produtiva de Portugal.

As empresas de capital espanhol têm, ainda, uma grande importância na redução do défice comercial, pois exportam mais que a média do universo das empresas em Portugal.

O mesmo relatório frisa que Portugal é o país do mundo onde se estabeleceram mais empresas de origem espanhola, nos últimos anos, num fluxo que ainda continua.

As empresas espanholas estão comprometidas com o crescimento de Portugal, são “pontas de lança” em áreas como a nanotecnologia, a I&D, ou em setores como a construção, as telecomunicações,

a grande distribuição, as indústrias transformadoras, os transportes e os serviços às empresas. Espanha tem investimentos em Portugal superiores a 90 mil milhões de euros e uma criação de emprego direto superior aos 77 mil trabalhadores.

E a nível de colaboração entre as empresas portuguesas e espanholas, quais os setores que podem ser destacados?

Eu destacava o caso emblemático do setor têxtil e de confeção, em que a colaboração entre as empresas do norte de Portugal e as da Galiza está a produzir um sucesso económico em grande escala.

Para não falar de outros grandes projetos transfronteiriços, nomeadamente no setor agropecuário, ou da indústria da alimentação e o desenvolvimento turístico conjunto, a indústria do automóvel, que têm um futuro inquestionável.

Não se deve esquecer a cooperação no enquadramento da UE de Espanha e Portugal ao nível das interconexões elétricas, ferroviárias, das redes gasísticas...

Ou a colaboração para a presença

“Os fluxos históricos de investimento português em Espanha estão próximos dos 20 mil milhões de euros investidos (...) Queria ainda salientar o papel desta prestigiada e muito ativa Câmara de Comércio e Indústria Luso-Espanhola na promoção dos interesses das empresas portuguesas e espanholas”

de investimentos de ambos os países do Extremo Oriente, ou em África, onde Portugal tem uma vantagem comparativa evidente, nos países da América Latina.

E, com certeza, a crescente presença

de empresas portuguesas em Espanha, cujos dados e evolução são cada vez mais estimulantes: existem cerca de 500 empresas portuguesas estabelecidas em Espanha, com um ou vários centros, tanto industriais como de serviços. Destacam-se os setores da energia e das energias renováveis, a cortiça, derivados do papel, tabuleiros de fibra, centros comerciais, venda de eletrodomésticos e outras do setor financeiro. Os fluxos históricos de investimento português em Espanha estão próximos dos 20 mil milhões de euros investidos (dados de 2013), em setores da energia, indústria e distribuição.

Queria ainda salientar o papel desta prestigiada e muito ativa Câmara de Comércio e Indústria Luso-Espanhola na promoção dos interesses das empresas portuguesas e espanholas. Atrevo-me a afirmar que a CCILE é, por muitos motivos, uma das primeiras, talvez mesmo a primeira Câmara espanhola do mundo, pelo que me tem sido dado observar, ao ver a sua capacidade de convocatória, a forma de trabalhar, a influência, os serviços que presta às empresas e às equipas de profissionais. ■

Carreira diplomática com mais de 40 anos

Embaixador de Espanha em Portugal há pouco mais de seis meses, Juan Manuel de Barandica y Luxán viajou pelo mundo inteiro antes de vir para Lisboa, um desafio que faltava na sua carreira de mais de 40 anos como diplomata.

Licenciado em Direito, é, ainda, um profundo conhecedor da cultura e da língua portuguesas, que fala, aliás, fluentemente e com boa pronúncia. Uma fluência que não passa despercebida e que o próprio explica com razões familiares. “Aprendi naturalmente, ao ouvir durante a minha infância muitas conversas da minha mãe, totalmente bilingue,

com as amigas e a família portuguesa”, explica, sorridente.

“Em relação ao português, que não domino, mas que falo, compreendo e leio, agradeço a benevolência dos meus interlocutores que me oferecem a oportunidade de aperfeiçoar a minha expressão oral, e espero poder expressar-me à vontade e com suficiente correção”, afirmou, no início da entrevista, que fez questão de dar em português.

Entre os diferentes cargos que ocupou durante a sua longa carreira diplomática, destaquem-se os de embaixador na Líbia, República Checa e Áustria.

Apresentou credenciais em Lisboa, como embaixador, em outubro passado, depois de terminadas as suas funções como embaixador de Espanha na UNESCO, com sede em Paris.

Desempenhou ainda relevantes funções ao serviço do Estado espanhol, em Madrid, onde entre outros cargos, ocupou a Direção Geral de Protocolo Chancelaria e das Ordens.

Entre as condecorações que recebeu, foi agraciado, em 2000, com a Grã Cruz da Ordem do Infante D. Henrique.

É casado e tem quatro filhos.